

Reparação pelas infidelidades no caminho da vocação

Atualmente não se costuma falar muito da reparação pelos pecados. Nós associamos isso preferencialmente a certas práticas piedosas, como as primeiras sextas-feiras ou os primeiros sábados do mês, mas não nos é fácil ver nisso algo importante do lado existencial.

Como reagimos quando ficamos sabendo de certos casos de infidelidades, pecados ou escândalos relacionados com nossos coirmãos? Talvez a nossa reação exterior seja uma demonstração de indignação e escândalo, mas intimamente sentimos uma espécie de maldosa satisfação e a sensação de que "eu sou melhor". Talvez a nossa reação seja um comentário como: "Eu sempre sabia que ele não vale nada". Ou talvez, ao sabermos do pecado de alguém, surja em nós uma profundamente oculta inveja: eis que aquele coirmão sentiu o prazer do pecado; eu também na realidade gostaria de senti-lo, mas não me permite isso o sentimento da decência. Percebamos que o denominador comum de todas essas reações é a postura: "Isso é um problema dele, não meu". O mundo contemporâneo está cada vez mais atomizado e não se pode esconder que a mentalidade do individualismo atinge cada vez mais também a nós, pertencentes à Igreja e a uma comunidade religiosa. E com esse tipo de mentalidade o problema da reparação pela infidelidade à vocação simplesmente não tem chance de se apresentar.

Também não nos agrada pensar em reparação no contexto dos nossos próprios pecados e infidelidades. Afinal recorreremos ao sacramento da reconciliação e cumprimos a penitência imposta. Será que ela não é suficiente? Será que faz sentido fazer de alguma forma uma penitência adicional pelos pecados que já foram perdoados?

O que não é a reparação pelos pecados

A fim de evitar mal-entendidos, é preciso de início dizer claramente o que *não* é a reparação pelos pecados.

Em primeiro lugar, a reparação não é uma forma de acertar as contas entre nós e Deus. Não se trata de termos de realizar algumas ações que devam equilibrar ou fazer pender o prato da balança do pecado. Isso significaria que existe na Igreja algum caminho de auto-salvação, mas isso não passa de pura heresia. No que diz respeito à nossa salvação, não podemos fazer nada por nós mesmos (cf. Jo 15:5). Os nossos atos, por mais heróicos que sejam, não são e não serão adequados diante de Deus.

Em segundo lugar, naquilo que diz respeito à reparação pelos pecados e infidelidades de alguém, não se trata de eu praticar a penitência pelos pecadores sentindo-me eu mesmo justo e na realidade melhor que os outros. Tal espécie de "reparação" seria na verdade um ato de hipocrisia e um pecado de orgulho.

Em terceiro lugar, a reparação não consiste apenas em atos penitenciais exteriores. Eles na verdade são necessários, mas não podemos transformá-los no essencial. Sem uma adequada disposição espiritual, eles são vazios. Já o profeta Isaías censurou a falsa penitência, reduzida apenas a atos exteriores: "Por acaso a esse inclinar de cabeça como um junco, a esse fazer a cama sobre saco e cinza, acaso é a isso que chamas jejum e dia agradável a Iahweh?" (Is 58:5).

Em quarto lugar, se presto uma reparação ao meu semelhante, muitas vezes lhe dou algo de mim mesmo. No caso do relacionamento com Deus, tal reparação não é possível. Não tenho condições de Lhe dar nada que já não Lhe pertença. Falando de fazer sacrifícios a Deus, S. Agostinho utilizava-se desta comparação: as nossas oferendas são como as flores que as crianças entregam a seus pais, mas as flores provêm do jardim desses mesmos pais.

Em que consiste a reparação

Jesus Cristo é a nossa única reparação

São João escreve em sua Carta: "Temos como advogado, junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo. Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados. E não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1Jo 2, 1-2). Toda reflexão a respeito do tema da nossa reparação pelos pecados deve basear-se nesse fundamento, pois do contrário será falsa. A reparação eficaz já se realizou no sacrifício de Jesus Cristo. Todos os pecados passados, presentes e futuros foram pregados à cruz juntamente com Cristo. Ninguém mais tem condições de realizar uma expiação eficaz pelos pecados. Mas o fato de estarmos reconciliados com Deus pelo sangue de Cristo não significa que podemos viver na ilusória sensação de auto-satisfação ou mesmo de impunidade. O fato fundamental que disso resulta é o absoluto primado de Deus e da Sua graça na obra da nossa reconciliação. Paradoxalmente, não é de muito boa vontade que recebemos essa notícia. Todos trazemos em nós essa tentação muito humana de controlar a nossa vida em todas as suas dimensões, inclusive na esfera espiritual. Embora talvez não reconhecamos isso diretamente, nós gostaríamos de ter a iniciativa no relacionamento com Deus e poder influenciar a Sua vontade. Através da nossa própria ação e do nosso esforço pessoal pelo próprio aperfeiçoamento, gostaríamos de eliminar todas as nossas falhas e fraquezas para podermos apresentar-nos diante de

Deus de peito aberto.

No entanto é muito importante que saibamos apresentar-nos diante de Deus com o sentimento do nosso total desamparo, como alguém que depende inteiramente de Deus. Como dizia o Salmista, com um sentimento de profunda impotência: "Mas o homem não pode comprar o seu resgate, nem pagar a Deus o seu preço: o resgate de sua vida é tão caro que seria sempre insuficiente para o homem sobreviver, sem nunca ver a cova" (Sl 49:8-10). E São Paulo escreve na Carta aos Efésios: "Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho" (Ef 2:8-9).

Deus permite às vezes que sintamos com suficiente força o nosso desamparo e a nossa impotência para fazer qualquer coisa relacionada com a nossa salvação. Tal experiência não serve evidentemente para a nossa aflição, mas para que vejamos com clareza a nossa realidade e para que nos abramos ao gratuito e salvífico amor de Deus.

Naturalmente na fé não existe nenhum automatismo. Deus não nos salva sem a nossa cooperação. A reparação por todos os pecados e infidelidades foi realizada por Cristo, mas, para que ela seja eficaz, exige a aceitação da nossa parte.

Reparação pelos próprios pecados: viver numa postura de conversão

São Paulo enfatizou na I Carta a Timóteo: "Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro" (1Tm 1:15). Uma vivência séria do relacionamento com Deus inicia-se no momento em que começamos a repetir essas palavras de Paulo como nossas próprias. O problema fundamental de muitas pessoas religiosas é a indisposição a se reconhecerem diante de Deus como pecadoras. Isso geralmente resulta do temor da rejeição. Diante de nós mesmos vestimos máscaras mutuamente, a fim de nos mostrarmos melhores do que somos na realidade, e instintivamente fazemos o mesmo diante de Deus. Parece-nos que diante da perfeita santidade de Deus temos de estar "em ordem", pois do contrário seremos rejeitados. No entanto, o amor gratuito de Deus diante do pecador constitui o próprio cerne do Evangelho. "Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus" (Rm 3:23-24). Se não me reconheço como pecador, com isso bloqueio o acesso do Salvador a mim.

Reconhecer-se como pecador não é nada triste nem deprimente. Ao contrário, perceber que sou um pecador amado por Deus e chamado à graça; um pecador que por pura benevolência de Deus e sem nenhum mérito próprio alcança o dom da reconciliação – faz brotar no coração a gratidão e o amor. É justamente esse tipo de postura de gratidão e de amor diante de Deus – que não se restrinja a um momento, mas envolva a vida toda – que pode ser chamada de "reparação", como uma forma de responder com amor ao amor.

Isso não significa que a partir desse instante eu me torne uma pessoa cristalina e sem pecado. Ao alcançar a reconciliação com Deus, não posso dizer: "Graças Vos dou, meu Deus, agora já vou poder me virar". Ao contrário, ao experimentar a benevolência de Deus, tanto mais me conscientizo da minha condição de pecador e sei que todos os dias devo confiar-me à graça divina. No antigo ofício beneditino, a salmodia das matinas iniciava-se todos os dias com o Salmo 51: "Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor!" Isso era uma expressão de profundo realismo. Na realidade pode-se dizer que o cristão inicia todos os dias por uma espécie de exame de consciência, ou seja, apresentando-se diante de Deus com a consciência da própria fragilidade e suplicando a Sua misericórdia, sem a qual não é possível a vida segundo a vontade de Deus.

Um outro aspecto muito importante daquilo que podemos chamar de reparação pelas nossas infidelidades é a total entrega ao serviço de Jesus Cristo e do Seu Reino. Não é suficiente apenas abster-se de pecados ativos concretos. Os diversos atos de infidelidade diante de Deus são a consequência de algo muito mais profundo: da postura de viver para si mesmo. Todo pecado é na realidade uma forma de buscar a própria vida fora de Deus, mas esse tipo de postura pode também manifestar-se de forma muito sutil. Posso ser exteriormente um religioso exemplar, não cometer nenhum tipo de transgressões exteriores, observar perfeitamente o regulamento da casa religiosa e até envolver-me em obras muito boas, e em tudo isso viver para mim mesmo. E isso, na verdade, é uma infidelidade muito mais perigosa do que os pecados exteriores. Com efeito, numa situação de pecado percebe-se claramente que alguém busca a sua vida fora de Deus, mas na situação da mencionada sutil idolatria, mesmo com a observância da fidelidade exterior à vocação, alguém pode viver por muito tempo na mentira e na ilusão quanto a si mesmo.

São Paulo escreve na Segunda Carta aos Coríntios: "Ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles" (2Cor 5:15). A verdadeira reparação consiste, portanto, na incessante passagem de uma postura de viver para si

mesmo e segundo seus próprios projetos a uma vida por Cristo; de uma postura de "Senhor Deus, abençoei as minhas idéias e os meus projetos" a "Senhor Deus, mostrei-me o que quereis que eu faça" e à prontidão para renunciar a quaisquer projetos próprios para a vida.

O modelo de tal postura pode ser para nós o Patrono deste ano, São Paulo. As suas idéias próprias de vida levaram-no a tornar-se um homicida. Mas quando, durante o acontecido em Damasco, percebeu que o seu próprio zelo religioso estava na realidade direcionado contra Deus, imediatamente perguntou: "Que devo fazer, Senhor?" (At 22:10) e a seguir entregou-se inteiramente a serviço do Evangelho. Com isso ele não achou que, tendo entregado a sua vida inteiramente a Cristo e ao Evangelho, estava fazendo algo de extraordinário. Para ele mesmo era evidente que não podia proceder de outra forma: "Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!" (1Cor 9:16).

A reparação pela infidelidade é a entrega total a serviço de Deus, ao cumprimento da Sua vontade. No entanto isso não significa prestar um favor a Deus. Ao me entregar a Deus, estou Lhe dando o que de qualquer forma Lhe pertence. No entanto, todas as vezes que tento tratar a minha vida como pertencente a mim mesmo, eu me torno um usurpador, subtraindo a Deus a Sua propriedade.

Reparação pelos pecados dos outros: misericórdia e intercessão

Se olharmos para a nossa própria vida, veremos que se trata de uma história de contínua fidelidade a Deus, apesar das nossas diversas infidelidades. No entanto, vivendo na comunidade da Congregação, deparamo-nos igualmente com os pecados dos nossos coirmãos, por vezes muito sérios, tais como a transgressão dos votos, o escândalo público, o afastamento. De que forma olhamos para tais situações?

Inconciliável com o amor de Cristo é a postura da indiferença. Se um pecado sério do meu coirmão não me importa, isso significa que na realidade falta-nos o sentimento de uma verdadeira comunidade. Se tenho a sensação de que "isso não é assunto meu", nessa minha postura ecoam de alguma forma as palavras de Caim: "Acaso sou guarda de meu irmão?" (Gn 4:9).

Uma outra postura profundamente anticristã é a postura do julgamento. Se meu irmão comete um pecado e eu por essa razão o julgo, ainda que seja apenas em meu coração, não sou menos culpado que ele. O julgamento contraria frontalmente as palavras de Cristo no Sermão da Montanha: "Não julgueis para não serdes julgados. Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados" (Mt 7:1-2). Se pratico algum ato de oração ou de renúncia na intenção de prestar reparação a Deus pelo pecado de meu irmão, mas faço isso com o sentimento de ser melhor que ele, tal ato é realizado num espírito totalmente antievangélico e como tal não tem nenhum valor.

Se tenho profundamente gravada no coração aquela frase de Paulo anteriormente citada: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro" (1Tm 1:15), isso me permite olhar para o meu próprio coração com contrição e para o meu semelhante, com misericórdia. Se em mim existe realmente o amor de Cristo, brota em mim o desejo de salvar quem comete o mal, mas não da sua rejeição.

A reparação pelos pecados e pelas infidelidades dos meus coirmãos consiste sobretudo na intercessão, que se baseia na solidariedade dentro do Corpo de Cristo. Eu mesmo tenho a consciência de ser um pecador amado por Deus e que alcança a misericórdia; por isso também desejo que alcance essa mesma misericórdia aquele por quem intercedo.

Um pecado ou uma infidelidade séria deve provocar o apelo por uma fervorosa oração intercessora. Uma expressão da intensidade dessa oração pode ser alguma prática adicional, como o jejum, a vigília noturna ou alguma outra mortificação voluntariamente assumida. Essas práticas não servem para exigir algo da parte de Deus, mas têm um significado como expressão do fervor da nossa prece. Nisso se manifesta o amor a Deus e à pessoa que envolvo com a minha oração. Como dizia S. Pedro Crisólogo, a alma da oração é o jejum, e a vida do jejum – a misericórdia.

Pode também fazer parte da reparação oferecer a Deus, em determinada intenção, as dificuldades, os sofrimentos ou as humilhações, presentes na vida de cada um de nós. Não se trata de nenhum sacrifício meu pessoal, mas de completar em meu próprio corpo as tribulações de Cristo, pelo bem do Seu Corpo, que é a Igreja (cf. Cl 1:24).

Perguntas para reflexão pessoal ou comunitária:

1. Como vivencio a experiência do pecado e da infidelidade à vocação em minha própria vida? (cf. Ez 16:61-63; 1Tm 1:12-17).
2. Com que espírito vejo os pecados e as infidelidades dos meus coirmãos? Qual é a minha primeira e espontânea reação ao saber da crise, do afastamento ou do pecado de alguém? (cf. Gn 9:20-23; Ex 32:31-33; Lc 18:9-14; Rm 9:1-3).
3. Deus não quer a perdição de ninguém e Jesus Cristo é enviado pelo Pai para a salvação dos pecadores. De que forma alguém pode reconhecer a Sua Face na minha vida e no meu ministério? (cf. Nm 20:9-13; Mt 5:38-48).